

1. RECENSÕES

Dani RODRIK, *Has Globalization Gone Too Far?*, Washington, D. C., Institute for International Economics, 1997, 108 p.

Muito se tem escrito sobre o fenómeno de integração económica mundial, a que se convencionou chamar Globalização. Reflectindo as naturais dúvidas e anseios da população perante as transformações induzidas por este processo, as vozes discordantes são, invariavelmente, as mais populares. Ainda recentemente, uma sondagem, preparada pela revista *The Economist*, concluía que a maioria dos inquiridos era contra o comércio livre, sendo que a percentagem de oponentes ultrapassava os 60% em países como os Estados Unidos e o Reino Unido, maiores consumidores desta literatura.

Infelizmente, traduzindo também uma lógica política ou comercial, estes clamores anti-globalização recorrem, frequentemente, a uma linguagem sensacionalista – expressa em slogans fáceis (e. g., “a insensibilidade do neoliberalismo”) ou em argumentos de choque (e.g., “o aumento das desigualdades” ou “a exploração do trabalho infantil”) – que pouco tem de rigor e seriedade.

Neste quadro, não surpreende a passividade e o optimismo com que os principais economistas da nova geração têm encarado a globalização, nem o pouco cuidado com que as autoridades económicas têm abordado o assunto. A (dominante) escola neoclássica limita-se a rebater o argumento do aumento das desigualdades relativas com o da diminuição dos índices de pobreza absoluta, e a justificar o aumento dessas desigualdades, por mais nefasto e socialmente chocante que seja, como uma consequência temporária do processo de crescimento induzido pela globalização. Como diz Krugman: o trabalhador hondurenho deixou de estar desempregado, para passar a ser “explorado” a 70 cêntimos à hora; pode ser injusto, mas não é com certeza pior. Na verdade, cientificamente, a escola pró-globalização tem continuado a sentir-se, perigosamente, intocável.

É precisamente devido a este estado de coisas e a esta ausência de um verdadeiro debate que o livro de Dani Rodrik assume relevo especial. Dani Rodrik é um economista neoclássico do “mainstream”, até há pouco professor na Universidade de Columbia (tradicional bastião do comércio livre) e, hoje,

professor na JFK School of Government (Universidade de Harvard) e colaborador do Institute for International Economics, cuja acção pró-globalização é bem conhecida.

Surpreendentemente, pelo seu currículo, Dani Rodrik vem levantar algumas questões sobre os méritos da globalização e, até, sobre o comportamento dos seus colegas nesta área. Rodrik começa por analisar o impacto que a globalização tem tido numa série de variáveis de natureza social e, depois, com base na correlação existente entre essas variáveis e o desenvolvimento económico, sugere que a globalização, se não refreada, pode ter consequências perversas para esse desenvolvimento. O autor usa três argumentos fundamentais:

- (1) Segundo Rodrik, o impacto da globalização sobre o aumento das desigualdades tem sido subestimado. O autor argumenta que, para além dos movimentos na procura favorecendo os trabalhadores especializados, existem outros efeitos raramente contabilizados. Por exemplo, a ameaça de exportação do trabalho que decorre da globalização tem colocado uma pressão negativa sobre os benefícios não-salariais, aumentado a incerteza no trabalho e diminuído o poder dos sindicatos. Estes factores contribuirão (a curto e a médio prazo) para uma alteração radical na relação de forças entre patrões e trabalhadores especializados, por um lado, e trabalhadores não especializados, por outro.
- (2) A globalização “mexe” com uma série de “normas sociais” – sobretudo, com o conceito de justiça e com o direito ao trabalho. Segundo o autor, a “desarmonia social” resultante de uma excessiva globalização poderá levar a um exacerbar das pressões proteccionistas, com consequências perversas para o desenvolvimento económico.
- (3) A globalização está a levar ao aumento insustentável dos gastos do governo com a protecção social. O autor defende este argumento, mostrando que o aumento dos gastos públicos de carácter social é resultado, sobretudo, da maior exposição dos países ao comércio internacional. Contudo, paradoxalmente, esta maior exposição e consequente maior mobilidade do trabalho e do capital farão mais difícil a captação de recursos, tornando este ciclo insustentável.

Embora sempre cuidada e interessante, a análise de Rodrik tem insuficiências importantes. Por exemplo, o autor recorre às greves, protestos, ou quedas de governo para ilustrar a desagregação social provocada pela globalização, quando é sabido que muitas dessas manifestações são o exemplo maior dos males do proteccionismo: o reforço da importância e do papel dos “lobbies”. Também a relação entre o aumento dos custos com a protecção

social e a maior exposição ao comércio não é muito convincente, dado que nos países industriais a maior fatia desses custos é recolhida por pensionistas, exactamente a classe que mais beneficiaria de uma redução dos preços via comércio livre. Finalmente, algumas das medidas recomendadas pelo autor (nomeadamente, um maior controlo sobre as práticas comerciais, um maior respeito pelos interesses nacionais e uma menor mobilidade do capital) têm um carácter demasiado subjectivo sendo, por isso, dificilmente executáveis. Para além disso, são potenciadoras de efeitos perversos, como uma exagerada influência política no processo e conseqüente atribuição de um poder excessivo e desigual aos “lobbies” melhor organizados.

Não espanta, por isso, a reacção predominantemente céptica com que muitos dos economistas neoclássicos receberam este livro. Contudo, o trabalho de Rodrik tem méritos muito evidentes. Em primeiro lugar, exhibe uma reflexão rigorosa e cuidada sobre os efeitos da globalização. Em segundo lugar, tem o condão de “exigir” à classe dos economistas favoráveis à globalização uma intervenção mais positiva. Como disse Jagdish Bhagwati, a respeito da livre circulação de capitais, o ónus da prova (dos seus benefícios) já devia pertencer aos seus apoiantes. Finalmente, o autor consegue alertar para as insuficiências da escola neoclássica de investigação, que continua a ignorar a importância que determinadas variáveis sociais e comportamentais têm na economia actual.

Beneficiando, também, da habitual escrita fácil (pelo menos para iniciados na matéria) de Rodrik, o livro é certamente recomendável. A sua análise séria dos perigos da globalização e a sua interpretação serena dos mesmos são uma lufada de ar fresco na era do oportunismo comercial e da retórica propagandista.

Luis Bernardes

O Sector da Cultura nas Câmaras Municipais da Região Norte, Porto, COMISSÃO DE COORDENAÇÃO DA REGIÃO NORTE, 1998, 78 p.

Num mundo em permanente mudança, num mundo à procura de uma identidade própria, onde a noção de espaço nacional se relativizou, a importância da cultura, segundo os autores da obra em epígrafe, assume particular destaque. A integração comunitária de Portugal reforçou o nosso envolvimento num processo de partilha inevitável de valores, hábitos e comportamentos. Para que essa inevitável mudança, de âmbito cultural, se processe com rumo, urge que seja acompanhada por uma afirmação crítica da